

RESENHA

*Fabio Luciano Soares e Santos**

EDWARDS, Jonathan. **Caridade e seus frutos: um estudo sobre o amor em 1 Coríntios 13**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015. 412p.

Este livro agrupa uma série de 16 sermões sobre 1 Coríntios 13 pregados por Jonathan Edwards em 1738. A série foi originalmente dirigida a sua igreja em Northampton, uma congregação que havia experimentado o avivamento do vale de Connecticut e que agora estava sendo chamada por seu pastor a mostrar frutos condizentes, especialmente o amor. Edwards é usualmente conhecido como teólogo do avivamento ou por seu sermão “Pecadores na mão de um Deus irado”. Contudo é nesta obra que é possível perceber sua “teologia do coração” como fundamento de sua prática pastoral. Além de pastor e teólogo, Edwards foi também um excelente filósofo e um dedicado missionário entre os índios. Apesar da distância temporal entre os dias atuais e essa obra, ainda é possível colher dela muitos benefícios, especialmente quanto à relação entre fé e obras, devoção e vida.

Edwards começa desmistificando a ideia de caridade como altruísmo ao defini-la como amor cristão para com Deus e para com os outros (p. 22). Sua tese central é de que, sem o amor, os maiores feitos e os maiores dons (obras) são nulos.

E quando o apóstolo menciona tantas e tão elevadas coisas, e então diz de todas elas que de nada valem sem caridade, com razão podemos concluir que nada há, absolutamente, que valha algo sem ela. Que uma pessoa possua o que bem quiser, e faça o que quiser, isso, sem caridade nada significa; o que seguramente implica que a caridade é grande coisa, e que tudo o que não contém a caridade,

* Bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (STBSB, 2004); mestrando em teologia filosófica pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ); professor de apologética na Escola Teológica Reformada (ETR), no Rio de Janeiro; pastor da juventude na Igreja Batista Betel de Mesquita (RJ).

de alguma maneira contida ou implícita, nada é. A caridade é a vida e a alma de toda religião, sem a qual todas as coisas consideradas como virtudes são vazias e fúteis (p. 24).

Dons e feitos grandiosos não tem efeito salvífico, mas sim o amor. O amor cristão é virtude salvífica resultante da mesma ação do Espírito que inclina o coração a amar a Deus (p. 26). Edwards neste ponto está em total consonância com sua tradição calvinista. O amor de e por Deus precisa estar enraizado no coração para produzir as obras do amor. Logo, ele conclui que o amor resulta em cumprimento dos mandamentos, da lei de Deus (p. 28, 32), e não o contrário. A verdadeira virtude só é possível graças a esse amor (p. 32). Seguindo o estilo puritano, Edwards propõe um autoexame para ver se o amor que alguém afirma ter tem resultado em louvor a Deus, amor pelos filhos de Deus e amor pelos semelhantes (p. 38). Aquilo que pode impedir alguém de amar seus semelhantes, como orgulho e contendas, também impedirá o exercício de amor para com Deus (p. 45).

Em sua segunda exposição, pode-se perceber que sua visão do amor como virtude tinha como centro Deus, especialmente no aspecto pessoal e relacional. Não um amor centrado no homem. A caridade é apresentada como fruto da ação ordinária do Espírito em todo cristão e como sendo de valor superior aos mais extraordinários dos dons (p. 49, 55). Ele mostra que a ação santificadora do Espírito resulta no amor cristão, que é superior aos dons extraordinários desse mesmo Espírito. Para Edwards alguns dons tinham caráter temporário, sendo necessários no início da igreja, enquanto que os ordinários permanecem com a igreja (p. 51). Pode-se perceber um tipo de cessacionismo, talvez devido à preocupação com falsos sinais do avivamento. Ele defende que os dons extraordinários são um grande privilégio que Deus concede a uma pessoa (p. 53-54), mas a graça salvífica é um privilégio maior (p. 64). Sua tese central é que possuir a mente de Cristo torna o homem mais semelhante a Cristo do que capaz de realizar sinais e prodígios (p. 58). Logo, o amor é um dom superior, pois tem conexão com a vida eterna (p. 60). Então conclui que se todos os dons extraordinários visam a propagação do evangelho e a conversão de homens de seus descaminhos para Deus, a fim de serem edificados em amor (p. 62), os dons são meios, enquanto que o amor é o fim, deixando clara sua preocupação com frutos duradouros diante da visitação especial do Espírito no vale de Connecticut.

Ao tratar da esfera moral, Edwards se deterá em defender a inutilidade das realizações humanas sem o amor cristão (p. 71). Ao mesmo tempo em que doar para socorrer aos pobres é dever cristão, como ensina Paulo, é inútil sem a caridade, também afirma o apóstolo (p. 72). Ou seja, o ato de doar não é necessariamente prova de amor. A motivação para os atos religiosos e mesmo o sofrimento em nome da religião pode ser carnal (p. 75). Edwards

chega a declarar que a mera ação externa não substitui o amor, pois Deus de nada tem falta, nem por nada se impressiona (p. 77s). Quem dá tudo a Deus exceto o coração, na verdade não deu nada (p. 79). Esse é um ponto chave em sua busca da religião do coração. A teologia edwardsiana tem o amor como suma de tudo, tendo sua sede no coração (p. 80). Ele está construindo sobre a tradição agostiniana-calvinista e faz o alerta de que atos externos de exibição de respeito sem amor no coração são hipocrisia e uma ofensa a Deus. Tal oferta na verdade é dada a algum ídolo (p. 81). Edwards propõe critérios para uma autoavaliação (p. 82-84): verdade, se o que é externo condiz com o que está no coração; liberdade, obediência de filho que faz por que ama; integridade, assumir por inteiro o compromisso e todas as suas implicações; pureza, sem mistura ou mancha, em oposição à sujeira do pecado.

Depois dos fundamentos estabelecidos, a partir do quarto sermão Edwards começa a tratar dos frutos da caridade, começando por paciência e bondade (p. 87). Para ele, a paciência ou longanimidade é uma virtude cristã que se deve aprender de Cristo. Seria suportar aquilo que os outros nos fazem de mau (p. 88). As injúrias devem ser suportadas com paciência sem vingar-se ou nutrir espírito vingativo (p. 93s). O cristão não deve causar nenhum dano ao ofensor e muitas vezes deve abrir mão do próprio direito de defesa, se necessário (p. 96). Ele não nega a possibilidade de defesa, mas seria um recurso usado depois do exercício de longanimidade. Sua fundamentação é amplamente teológica: a longanimidade de Deus (p. 98) deve ser imitada como filhos que imitam seus pais a quem amam. Assim, recusar-se a ser longânimo seria o mesmo que desaprovar a longanimidade de Deus (p. 100). Cristo é o maior exemplo de paciência, o qual suportou as maiores injúrias e injustiças em nosso benefício (p. 106), além do exemplo de outros santos (p. 111). Tais exemplos devem servir de encorajamento. Porém, Edwards apresenta o ponto interessante de que, se não somos pacientes, não estamos prontos para viver num mundo perverso e injusto (p. 107), o que mostra quão ortodoxa era a sua doutrina da Queda, bem como sua visão sobre a depravação total. Esse ponto estaria em total desacordo com o otimismo do espírito da época em que ele estava inserido. Mesmo sendo um homem de seu tempo, Edwards se mantém firme nas doutrinas basilares das Escrituras.

A teologia pública ou prática era um ponto importante para Edwards. Por isso, em seu quinto sermão se disporá a mostrar como a caridade dispõe o cristão para a prática do bem aos outros (p. 119). Para tanto, propõe dividir o dever cristão de fazer o bem em: ato, objetos e modo (p. 119s), o que mostra o rigor filosófico na construção de seus argumentos. Como ato, ele entende fazer o bem ao coração (p. 120), abrindo os olhos do incrédulo ou encorajando um irmão a voltar a frequentar a igreja (p. 121), ou agir em questões externas, como prestar socorro diante de um sofrimento ou necessidade comum da vida (p. 121s). Sua definição de objeto é cumprir o mandamento de amar ao próximo,

sem escolher como próximo aquele que aparentemente merece (p. 123). Mesmo os maus, inimigos e ingratos devem ser alvo da bondade cristã, pois conclui que Deus é bondoso conosco mesmo nós sendo maus, seus inimigos e ingratos. Por “modo”, Edwards quer dizer fazer atos de bondade de forma espontânea (p. 125), sem interesse próprio e com alegria pelo simples fato de ter a oportunidade. Assim como no exemplo do amor benevolente de Cristo, nosso amor deve ser marcado por boa vontade para com os homens (p. 128). Ele lembra seus ouvintes que toda bondade em socorro do pobre e fraco deve ser motivada pelo amor e é retribuída por Deus, nesta vida ou na próxima (p. 133s).

Na sexta exposição, Edwards mostra que o amor cristão é o total oposto de uma conduta invejosa (p. 135), que ele define como sendo a insatisfação com a superioridade de outra pessoa em comparação consigo mesmo em qualquer aspecto da vida (p. 136). A antropologia de Edwards fica evidente quando ele defende que é natural ao homem sentir inveja, pois seu desejo pecaminoso é ser superior (p. 136). Continua explicando que a inveja se manifesta na repulsa por quem prospera. É prática comum difamar aquele que prospera para tentar manchar sua honra, diminuí-lo, e não pode haver lugar na natureza cristã para atos e sentimentos invejosos (p. 138-140). A caridade genuína vai mais longe ao dispor o cristão a se alegrar com a prosperidade do outro (p. 140). Edwards defende que cada um deve experimentar contentamento com a posição na qual Deus o colocou (p. 140), o que deve ter causado desconforto naqueles que desejavam ascensão social em sua comunidade, bem como naqueles que começavam a sentir o desejo de romper com a Inglaterra de alguma maneira, o que não era o caso de Edwards. Sua aplicação se baseia nos preceitos deixados por Jesus contra a inveja, como a humildade e a mansidão (p. 141). Segundo Edwards, a doutrina da encarnação e o projeto redentivo de Deus servem como evidências de quanto o evangelho é contrário à inveja, que é identificada como uma característica de Satanás (p. 143), já que o orgulho, o desejo de superioridade, é a fonte da inveja. Ele rebate a objeção de alguém poder alegar que o que prospera não é digno, mostrando como isto é característico de um coração invejoso (p. 148). E o amor que procede de Deus deve resultar em alegria pelo bem dos outros (p. 152).

Ao mesmo tempo em que a caridade impede que o cristão tenha inveja daquilo que o outro tem, também o impede de se orgulhar daquilo que ele mesmo possui (p. 153), como Edwards defenderá em seu sétimo sermão. A soberba usualmente fomenta inveja e o amor divino não condiz com atitudes soberbas e um coração orgulhoso. O amor cristão torna o homem humilde graças à percepção de sua pequenez diante da comparação com Deus. Edwards argumenta que a verdadeira humildade não deve ser confundida com a inferioridade que alguém sente em comparação aos outros, enquanto ignora a distância entre si próprio e Deus (p. 157). É a percepção da majestade e glória de Deus, em contraste com a vileza do coração, que produzirá humildade. Novamente

Deus é o centro do argumento de Edwards. O cristão não busca honras ou destaque, nem menospreza os outros, baseado no fato de ser igual a todos os homens em sua vileza e insignificância. Jesus Cristo estabeleceu o padrão da humildade em seu modo de viver, mesmo sendo Deus (p. 176), e instituiu a humildade como prática dos seus discípulos (p. 177). Para Edwards, Deus está em guerra contra a soberba, característica essencial de Satanás (p. 181).

No oitavo sermão de Edwards é possível ver o contraste entre o amor cristão e o egoísmo (p. 183). Sua tese é que, devido à queda, o homem se fechou para o correto relacionamento com a criação e com o Criador, e trancou-se em seu mundo egoísta, sendo governado por seu amor próprio (p. 184). Essa explicação de Edwards mostra como sua ética e prática cristã estavam solidamente embasadas em sua ortodoxia. A caridade não se opõe a todo tipo de amor próprio, pois defende que o homem deve amar sua felicidade (p. 185). O amor cristão se opõe ao egoísmo que nasce do amor próprio desordenado, isto é, o amor pela própria felicidade levado ao extremo (p. 187). O cristão deve ter como objeto da felicidade a busca por contemplar a glória de Deus ou render-lhe glória (p. 192). A caridade também dispõe o cristão a se privar daquilo que é seu, e repartir a fim de beneficiar outros (p. 198). O fundamento desse contraste entre caridade e egoísmo deveria ser amar a Deus com tudo o que se tem, uma entrega total sem reservas (p. 202), e obediência em amar o próximo como a si próprio (p. 203), sendo esse amor ampliado pelo amor de Cristo como padrão. Ou seja, assim como Cristo, seus seguidores devem amar os inimigos, com entrega e sacrifício totais sem esperar nada em retorno (p. 205-207). A advertência de Edwards é que o egoísta tem a si próprio como ídolo; logo, Deus o entrega à sua própria sorte (p. 211). A melhor maneira de encontrar a felicidade que se busca é deixar de fazer dos interesses próprios o alvo da vida (p. 212). Esse é um ponto de equilíbrio na teologia edwardsiana entre uma visão de mundo monástica presente em algumas congregações e a desenfreada busca hedonista de satisfação e prazer que surgiria nas próximas gerações americanas, mas se mostra de forma embrionária em seus dias.

Edwards passa a defender, em sua nona exposição, que o amor cristão é necessariamente o contrário de uma atitude de ira, mas somente aquela ira indevida (p. 216), ou seja, quando em sua natureza não está a oposição ao mal (p. 217). Fica claro que existe um tipo de ira não pecaminosa, pois o próprio Deus manifesta sua ira. A caridade não é manifesta quando a finalidade da ira é outra que não seja a glória de Deus (p. 223) ou quando a medida é desproporcional ao motivo para irar-se (p. 224). A caridade genuína é contrária à ira pecaminosa, bem como todos os seus frutos são o oposto daquilo que resulta de tal ira (p. 225). A ira excessiva e pecaminosa está normalmente ligada, segundo Edwards, ao orgulho, que faz os homens se sentirem superiores e desejosos de se vingar quando ofendidos (p. 226), o caminho oposto da caridade como ele mesmo havia pontuado. Ele expõe a natural tendência do coração humano

em alimentar a ira pecaminosa dando vazão a seu orgulho e egoísmo (p. 231), enquanto que os cristãos devem se irar somente pelos acontecimentos que são uma ofensa a Deus (p. 230s). Sua leitura parece ser que poucos se iram contra aquilo que ofende a Deus, ao mesmo tempo em que acendem forte ira quando se sentem ofendidos.

A caridade, segundo Edwards, tem como um de seus frutos o julgamento caridoso ao invés de um espírito de censura (p. 236). O amor não leva o cristão a pensar mal dos outros, seja quanto a seu estado, ou ignorando suas qualidades, ou em suas ações, sem que haja evidência para tal (p. 236-241). Edwards não nega a possibilidade ou necessidade de se emitir juízo quanto ao comportamento de alguém, seja por função civil ou por prerrogativa de um cargo de liderança (p. 242). Porém, defende que sempre precisa haver clara e justa evidência para se emitir um juízo com intuito de correção, sem sentir prazer em condenar (p. 243s). Este seria um dos pontos de sua divergência com alguns líderes do Grande Despertamento que eram rápidos em julgar se esta ou aquela pessoa era ou não regenerada. De forma coerente, ele observa a dificuldade que um indivíduo tem em julgar a si próprio e aqueles a quem ama. Edwards alerta quanto ao fato de que, na maior parte do tempo, o julgamento se dá em meio à indisposição quanto àquele que é julgado. Para ele, o espírito crítico é fruto de um coração dominado pelo orgulho (p. 245s). Não se deve ser tão apressado em pensar o pior dos outros (p. 250). E sua regra de ouro é que cabe ao homem julgar como está sua própria situação perante Deus antes de julgar os outros, lembrando que naquilo que se julga a outro também se é julgado (p. 251).

A décima primeira exposição deixa claro que o amor cristão não condiz com a injustiça, mas está ligado à verdade (p. 254). Edwards afirma sem dúvida que o amor cristão dispõe o homem à prática daquilo que é santo, pois a graça salvífica deve resultar em busca da santidade (p. 254). Seu argumento basilar é que Deus elege homens, pela graça, com a finalidade de fazê-los santos (p. 255). Ao mesmo tempo, a obra redentora de Cristo, a conversão e o conhecimento espiritual têm a prática santa como objetivo (p. 256-258). A graça resulta em prática e viver santo (p. 260). A verdadeira fé salvífica é operosa, o que a distingue da falsa fé (p. 262-266). Para Edwards, as ações de uma pessoa revelam seu amor verdadeiro, aquilo que ocupa o lugar central em seu coração. Logo, a busca pelo viver santo é evidência de ter recebido a graça da verdadeira caridade (p. 267-268). As graças cristãs que Paulo apresenta no texto, quando presentes no coração do homem, resultam em prática de santidade, numa relação como a da raiz de uma planta com a planta em si (p. 277). O deleite na prática da santidade é o que distingue a maneira de viver do cristão da mera moralidade, é o que argumenta Edwards. O deleite em Deus e na sua graça e glória são parte importante de sua teologia.

Para Edwards, o sofrimento ligado à caridade deve ser interpretado como sendo sofrimento em nome de Cristo, pela causa do evangelho (p. 285), como afirma em seu décimo segundo sermão. Ele acredita que seja mais do que suportar injustiças e explica como é comum nos escritos do apóstolo essa conexão entre caridade e sofrimento por causa de Cristo (p. 286). O espírito genuinamente cristão dispõe o homem a sofrer por amor a Cristo, enquanto cumpre seu dever em relação a ele. Edwards leva muito a sério o chamado para uma identificação entre mestre e discípulo, pois acredita que o hipócrita pode fazer algo em nome da religião, desde que isto não o impeça de alcançar o que almeja. Contudo somente está disposto a sofrer por Cristo quem tem o verdadeiro amor cristão (p. 287). A entrega por completo e sem reservas a Cristo é a única entrega aceitável, e sofrer por Cristo é parte essencial desse compromisso (p. 290s). A evidência de que um cristão tem verdadeiramente este amor em seu coração é sua disposição em receber a Cristo com sua coroa e com sua cruz (p. 293).

Caminhando para concluir sua série de exposições, Edwards explica no sermão seguinte como as graças do cristianismo estão sempre interligadas umas às outras, o que com certeza também inclui as maiores graças – amor, fé e esperança (p. 303s). Defende a tese de que não se pode ter uma das graças sem a outra (p. 305s), visto que muitas delas têm outras em sua própria essência (p. 309). Essa correlação entre as graças cristãs se dá por terem uma fonte comum, o Espírito Santo, e por serem resultado de sua obra de conversão (p. 311). O fundamento também é o mesmo, o senso de majestade ante a glória de Deus orientado pela palavra (p. 312), além de possuírem o mesmo fim, Deus e sua glória (p. 313). Edwards se esforça por provar que todas as graças são recebidas no ato da conversão, mesmo que estejam ainda enfraquecidas (p. 314s). Logo, a certeza de novo nascimento se dá pelo teste da presença dessas graças (p. 316-319). Edwards não só conecta as graças entre si, como, de forma coerente com as outras exposições, as conecta com a obra da salvação. Sua insistência em ligar as mesmas com o novo nascimento e com a ação do Espírito mostra sua preocupação com duas questões centrais em seu ministério: não convertidos como membros comungantes e a falta de frutos duradouros naqueles que experimentaram o avivamento.

Em seu décimo quarto sermão ele defende que a caridade precisa necessariamente ser perseverante, a despeito do que quer que se lhe oponha (p. 322). Ele faz o importante alerta de que existe oposição ao amor cristão genuíno porque o cristão está peregrinando no país do inimigo (p. 323). Assim, não deve esperar somente facilidades. Além dos inimigos externos, o cristão possui inimigos em seu próprio coração contra os quais precisa lutar (p. 324). A verdadeira graça que opera no coração permanece apesar dos constantes e fortes ataques, e será vitoriosa ao fim.

E a graça não somente permanecerá, mas no fim será vitoriosa. Ainda que ela enfrente uma longa temporada de dolorosos conflitos, e venha a sofrer muitas desvantagens e privações, contudo viverá; e não apenas viverá, mas finalmente prosperará e prevalecerá e triunfará, e todos os seus inimigos serão subjugados sob seus pés (p. 327).

Permanecerá e será vitoriosa, pois será sustentada por Deus (p. 329-335). Ele lembra a sua congregação que a falsa graça, baseada somente em aparência externa, não resiste aos ataques (p. 328). Para Edwards é impossível alguém cair dessa graça, razão pela qual o diabo se opõe fortemente à conversão, porque não pode recuperar domínio sobre os que foram alvos da salvação (p. 336).

Edwards traça na décima quinta exposição um claro contraste entre a caridade e os outros dons comunicados pelo Espírito, pois, enquanto estes têm um caráter temporário, o amor cristão permanecerá com a igreja de Cristo mesmo após a glorificação (p. 341-343). Para ele, o Espírito é dado à igreja como cumprimento da promessa de Deus em Cristo (p. 344). Apesar de os primeiros pais, Adão e Eva, terem possuído o Espírito, eles o perderam já que não o possuíam da mesma forma que a igreja. É a aliança em Cristo que garante a presença perene do Espírito com o seu povo (p. 345). Os dons extraordinários ou ordinários comunicados pelo Espírito têm tempo determinado para durar (p. 346), pois, como explica Edwards, são meios de graça que não serão mais necessários no céu (p. 347). Em contrapartida, a caridade permanecerá na igreja, tanto nos indivíduos quanto em sua coletividade (p. 350-352). No estado mais glorioso da igreja, o amor cristão, o mais excelente dos dons, se apresentará em grau perfeito e não haverá necessidade dos outros dons (p. 357). Edwards alerta quanto ao perigo de uma supervalorização de dons extraordinários, os quais, por terem cessado após sua necessidade, no tempo presente não passariam de ilusão (p. 358). Ele mostra sua preocupação de que sinais e prodígios sejam usados como evidência da ação do Espírito. Para ele o cristão deve buscar o mais excelente dom, a caridade, que permanecerá mesmo quando todos os outros cessarem eternamente (p. 358s).

Na última exposição da série, Edwards faz uma comparação entre a igreja antes do cânon e a atual, e depois entre o atual estado da igreja e seu perfeito estado no céu (p. 362). Ele deixa transparecer certa ideia de progresso, típica do espírito de sua época, contudo apoiada em pressuposto distinto, o milênio, um estado mais glorioso da igreja antes da volta de Cristo. E no céu a igreja atingirá o estado mais perfeito pelo preencher do Espírito. O resultado será o amor divino, ou caridade, em seu estado mais pleno e como único dom a permanecer (p. 363). A presença de Deus é a fonte desse mais perfeito amor (p. 364). Ainda lembra que nada odioso permanecerá no céu, somente o que é amável e em está em seu estado perfeito (p. 366s), e isto favorecerá o estado de amor pleno. O amor perfeito flui de Deus para todos os corações (p. 370) e o amor de Cristo pelos santos será perfeitamente entendido (p. 371). Edwards

lembra a seus ouvintes que o amor que há no céu é superior ao terreno porque é espiritual e é perfeito (p. 372s). As relações serão mútuas e sem nódoa de ciúme ou limitações físicas, emocionais ou espirituais para o perfeito fluir deste amor (p. 376-390). Por contraste, devem se preocupar os que praticam o que é contrário ao amor divino, sendo lembrado que não têm participação na graça que leva ao céu (p. 391). Para Edwards, tal doutrina resultaria em alegria e esperança para os que praticam o amor cristão (p. 393) e alerta para os impenitentes ao perceberem o que perderão (p. 396). Seu desejo em relação a sua congregação era estimulá-la a buscar participar desse universo de amor perfeito (p. 402), para que não fosse distraída pelas coisas deste mundo (p. 405), nem ficasse desencorajada pelas dificuldades para lá chegar (p. 406), permanecendo assim firme diante da promessa graciosa.

Em suma, Edwards está preocupado de que sua congregação, depois de experimentar uma ação intensa do Espírito, não esteja demonstrando o efeito principal e ordinário dessa ação, o amor. Contudo ele também não acredita ser possível praticar o amor cristão sem a regeneração do Espírito. Assim é possível afirmar que *Caridade e Seus Frutos* serve como alerta contra uma teologia meramente especulativa e, ao mesmo tempo, contra qualquer esforço de conferir às “obras de amor” um status salvífico. Para Edwards, não existia qualquer dicotomia entre devoção e prática, pois sua teologia abrange tanto a esfera privada como a pública, sem desassociar reflexão e práxis. Seu equilíbrio é possivelmente o maior legado para o cenário atual do evangelicalismo brasileiro.